

FALAR COM OS PRÓPRIOS BOTÕES

A sabedoria popular da interioridade e a pedagogia do silêncio deliberativo

Ainor Francisco Lotério

Agrônomo, Filósofo, Teólogo e Diácono Permanente (2022). Mestre em Gestão de Políticas Públicas. Palestrante e criador da Agrosafia. Camboriú – SC.

A LOCUÇÃO E SEU NÚCLEO DE SENTIDO

Poucas expressões da língua portuguesa conseguem, com tão poucos elementos, nomear uma experiência tão densa. Dizer que alguém “falou com os seus botões” é afirmar que houve discurso sem interlocutor, deliberação sem plateia, palavra sem testemunha. A sabedoria popular, que raramente erra ao escolher imagens, encontrou nos botões da camisa o símbolo exato daquilo que a filosofia chama de foro íntimo: o lugar onde a pessoa se reúne consigo antes de aparecer diante dos outros.

As variantes conservam o núcleo semântico e deslocam a ênfase. “Falar com os meus botões” acentua o ato reflexivo, o pensamento que se organiza em murmúrio. “Fico com os meus botões” acentua a reserva deliberada, a decisão amadurecida de não expor a opinião nem se envolver na discussão alheia. “Cada um com seus botões” acentua o respeito à esfera interior do próximo, aproximando-se do provérbio que recomenda que cada qual cuide da sua vida. São três modos de uma mesma virtude: recolhimento, discrição e respeito.

HIPÓTESES DE ORIGEM

A explicação mais difundida é gestual. Quem pensa profundamente baixa a cabeça, e o campo visual se estreita até a própria roupa. Os botões tornam-se, literalmente, aquilo que se tem diante dos olhos no instante da concentração. A metáfora nasceria, portanto, da observação de uma postura corporal, como tantas outras locuções que fixam gestos em palavras.

Uma segunda hipótese lembra que os botões repousam sobre o peito, alinhados na direção do coração. Falar com os botões seria falar com o próprio peito — e a antropologia bíblica e popular sempre identificou o coração como sede da deliberação, e não apenas do afeto. Uma terceira hipótese, menos documentada, associa a expressão aos jogos de contagem feitos com botões, ao modo do “bem-me-quer, mal-me-quer”, nos quais a pessoa consulta a si mesma sob a aparência de consultar o acaso. Nenhuma delas é demonstrável com rigor etimológico; todas, porém, apontam para o mesmo núcleo: o corpo mais próximo como testemunha do pensamento mais íntimo.

O PARENTESCO FILOSÓFICO

A expressão popular reencontra, sem o saber, uma das definições clássicas do pensar. No *Teeteto*, Platão faz Sócrates descrever o pensamento como o diálogo silencioso que a alma trava consigo mesma, perguntando e respondendo, afirmando e negando, até chegar a um juízo. O agricultor que fala com os seus botões e o filósofo que define o pensamento como conversa interior descrevem a mesma operação: um em linguagem de roça, outro em linguagem de escola.

Agostinho radicalizou essa intuição ao afirmar que a verdade habita no homem interior e que Deus lhe era mais íntimo do que a sua própria intimidade. A reflexão deixa de ser mero cálculo e torna-se

caminho de encontro. Pascal, por sua vez, diagnosticou o contrário: quase toda a infelicidade humana provém da incapacidade de permanecer sozinho e quieto num quarto. Traduzindo para a nossa locução, a desgraça começa quando ninguém consegue mais falar com os próprios botões e passa a precisar de ruído, plateia ou tela para existir.

A RAIZ BÍBLICA E TEOLÓGICA

A Escritura conhece bem esse silêncio deliberativo. Provérbios recomenda guardar o coração com toda a vigilância, porque dele procedem as fontes da vida (Pr 4,23). Lucas registra que Maria guardava todos esses acontecimentos, meditando-os no coração (Lc 2,19) — expressão que descreve com exatidão o trabalho interior de quem ainda não compreendeu e por isso não fala. A tradição monástica converteu essa atitude em regra: o silêncio não como ausência de palavra, mas como condição da qualidade da palavra que virá. Teresa de Ávila deu-lhe forma duradoura ao descrever a alma como castelo interior, com aposentos sucessivos, dos quais o mais externo é o da agitação e o mais interno o da comunhão.

Há aqui uma correção importante ao entendimento apenas psicológico da locução. Falar com os botões não é isolamento nem mutismo. É a antessala da palavra responsável. Quem nunca conversa consigo fala demais e mal; quem conversa consigo em excesso e nunca se expõe torna-se estéril. A medida está no ritmo entre recolher-se e comunicar-se, e é esse ritmo que a locução popular protege quando diz “cada um com seus botões”: há um território interior que não se invade, nem no outro, nem em si mesmo.

O SILÊNCIO COMO MÉTODO: DIÁLOGO COM OS EIXOS DA AGROSOFIA

Na perspectiva da Agrosafia, a interioridade não é fuga do mundo, mas condição de fecundidade. Quem lida com a terra aprende cedo que há tempos que não se aceleram: a germinação não obedece à pressa, o enraizamento acontece no escuro e o fruto exige estação. O pensamento humano segue a mesma lei agrária. A ideia publicada no instante em que nasce é semente lançada sobre pedra. A ideia que repousa, que é revolvida em silêncio, que atravessa a noite do próprio questionamento, essa vinga.

Daí decorre a distinção entre opinião e juízo, central para o que venho denominando **Inteligência Orientada**: a opinião é reação, o juízo é resultado de deliberação. A opinião nasce do estímulo externo e devolve o estímulo amplificado; o juízo nasce do exame interior e devolve discernimento. Falar com os próprios botões é, precisamente, o intervalo em que a emoção se submete ao pensamento e o impulso se converte em escolha. Não se trata de reprimir o sentimento, mas de conduzi-lo — de exercer sobre a vida afetiva o mesmo governo racional que o bom agricultor exerce sobre a lavoura: não contra a natureza, mas orientando-a.

O mesmo princípio se projeta sobre o cooperativismo. Assembleias, conselhos e diretorias são espaços de palavra pública; mas a qualidade da palavra pública depende inteiramente da qualidade da deliberação privada que a precedeu. O cooperativista que chega à reunião sem ter falado com os próprios botões chega apenas para repetir o que ouviu no corredor. Aquele que refletiu antes chega para contribuir. A educação cooperativista, quarto princípio do movimento, não forma somente para o debate: forma para o recolhimento que torna o debate proveitoso.

Também na sucessão familiar e rural essa lógica se impõe. Aquilo que tenho chamado de **Pedagogia da Ausência** — o recuo deliberado e formativo de quem conduziu para que outro aprenda a conduzir — só é possível a quem domina a arte de calar. Guardar a opinião não é omissão; muitas vezes é o mais alto ato pedagógico, porque devolve ao outro a responsabilidade de pensar. Nesse sentido, “fico com os meus botões” pode ser a frase mais generosa que um pai, um gestor ou um dirigente pronuncia diante de quem precisa amadurecer.

ATUALIDADE DE UMA LOCUÇÃO ANTIGA

Vivemos a cultura da exposição imediata. O pensamento nasce e é publicado no mesmo instante, sem o intervalo em que amadureceria. As ferramentas digitais e a inteligência artificial ampliam essa velocidade e podem, se não forem usadas com discernimento, comprometer a capacidade de pensar criticamente e julgar por conta própria. O risco não está na máquina; está na renúncia ao trabalho interior que a máquina torna dispensável.

Há também uma dimensão de liberdade. Quem sabe falar com os próprios botões não depende do aplauso para saber o que pensa. Constrói convicções em silêncio e as apresenta depois, temperadas. Quem não sabe, terceiriza a consciência: pensa o que o grupo pensa, cala o que o grupo cala, indigna-se quando o grupo se indigna. A locução popular, portanto, não é apenas pitoresca. Ela guarda, em linguagem doméstica, uma antropologia inteira: o ser humano é aquele que precisa retirar-se para dentro de si a fim de tornar-se inteiro para fora. Os botões da camisa, testemunhas mudas e fiéis, são o monumento mais modesto e mais universal dessa necessidade.

CONTEÚDOS CORRELATOS NOS PORTAIS DO AUTOR

Endereços dos portais www.ainor.com.br e www.loterio.com.br cujos conteúdos guardam relação direta com o tema da interioridade, do silêncio reflexivo, do autogoverno do pensamento e da serenidade diante da pressa.

- › **Serenidade em meio ao caos: a vida simples, devota e solitária como alternativa à sociedade frenética / Conhecimento genuíno ou conteúdo superficial? — seção 1 Minuto**
<https://loterio.com.br/categoria/1-minuto/>
- › **Alegria de Viver — reflexões sobre a inquietação silenciosa que habita profissionais do campo, das cooperativas e da gestão pública**
<https://loterio.com.br/categoria/alegria-de-viver/>
- › **Lideranças cooperativistas e a missão de preservar a humanidade em tempos de pressa / Não viva refém da pressa e da ansiedade dos outros**
<https://ainor.com.br/categoria/sipat/corporativas-temas/>
- › **A trajetória, o portal e a presença digital de Ainoir Lotério — a Motivação Racional como gerenciamento dos pensamentos sobre as emoções**
<https://loterio.com.br/a-trajetoria-o-portal-e-a-presenca-digital-de-ainor-loterio-uma-identidade-que-antecede-o-algo-ritmo/>
- › **Pedagogia da Alegria: descobrindo o poder interior para aprender e educar**
<https://ainor.com.br/2019/09/pedagogia-da-alegria-professores>
- › **Seminário da Família: olhar para dentro e descobrir os próprios erros, acertos e potenciais**
<https://ainor.com.br/arquivos/11136>
- › **As quatro orientações para um desisolamento saudável — o dever da identidade (eu)**
<https://ainor.com.br/categoria/menu/>

- › **Espiritualidade — a busca de significado pelo transcendente e a fé como adesão racional**
<https://loterio.com.br/tag/espiritualidade/>
 - › **Blog do Aínor — mundo interior, autoestima e o poder da mente na motivação humana**
<https://loterio.com.br/categoria/blog/>
 - › **Blog do Aínor — artigos de reflexão sobre comportamento, liderança e relacionamento**
<https://ainor.com.br/categoria/blog/>
 - › **Mensagens em áudio — motivação, reflexão e superação humana para o dia a dia**
<https://ainor.com.br/arquivos/28>
 - › **Eixos, temas e públicos — mapa temático das palestras e cursos**
<https://loterio.com.br/eixo-temas-e-publicos/>
-

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. São Paulo: Paulus, 2019.

AGOSTINHO, Santo. *A verdadeira religião*. São Paulo: Paulus, 2002.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002. (Provérbios 4,23; Lucas 2,19; Eclesiastes 1,2-3).

CASCUDO, Luís da Câmara. *Locuções tradicionais no Brasil*. São Paulo: Global, 2004.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LOTÉRIO, Aínor Francisco. *A eternidade em nós*. Camboriú: Edição do autor.

LOTÉRIO, Aínor Francisco. *Um minuto de inspiração*. Camboriú: Edição do autor.

LOTÉRIO, Aínor Francisco. Portais www.ainor.com.br e www.loterio.com.br. Acesso em: 18 ago. 2026.

PASCAL, Blaise. *Pensamentos*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PLATÃO. *Teeteto*. Belém: Editora da UFPA, 2001.

TERESA DE ÁVILA, Santa. *Castelo interior ou Moradas*. São Paulo: Paulus, 2010.

Artigo produzido no Sítio Agrosafia, Comunidade Rural do Braço, Camboriú – SC. Reprodução autorizada com indicação da fonte e do autor.